



O plano de paz dos EUA é um instrumento da colonização da Palestina e de todo Oriente Médio em benefício do imperialismo, usando seu enclave sionista na região.

Abaixo a normalização do holocausto! Apoiar incondicionalmente a resistência palestina! Combater os governos cúmplices do genocídio com a luta de classes!

 O “plano de paz” de Trump demostrou-se, rapidamente, uma completa farsa. De um lado, o Hamas tem respeitado os termos do acordo procedendo a entregar os reféns israelenses (vivos e mortos), aceitou deixar que um “conselho de técnicos” palestinos se encarregasse do governo e se dispôs a ser parte; mas, nega-se (e com razão) a se desarmar. De outro, Israel nunca esteve desposto a cumprir o acordo e nem os EUA a exigir desse seu cumprimento.

À vista de todos os que assinaram o “plano”, a Knesset (Parlamento israelense) se encaminha a aprovar a soberania sobre as terras das colônias sionistas construídas em territórios roubados dos palestinos na Cisjordânia, que se encaminha progressivamente a se transformar em um novo campo de concentração, como foi o destino de Gaza. A Autoridade Nacional Palestina (ANP), traidores de seu próprio povo, pagam o mesmo preço de Hamas e dos palestinos da Faixa de Gaza apesar de serem colaboradores de Israel e tirar proveito

do genocídio de seu próprio povo em seu benefício político.

Está aí a prova factual mais clara de que nunca haverá estado palestino enquanto existir o estado de Israel. Sequer será garantido à ANP, por mais serviçal que seja, uma limitada soberania estatal sobre Cisjordânia. Vai se esvaziando a fumaça diplomática e a retórica que apresentava o plano como via para uma solução de dois estados. Essa tese foi enterrada há muito pelo próprio imperialismo que a impôs a Al-Fatah - nos fatos uma capitulação, agora estendida a todos os países árabes com o chamado “Acordo de Abrão”: um novo passo no objetivo colonialista dos EUA e da projeção expansionista de Israel.

Os acordos de Oslo e os Acordos de Abrão são duas faces do plano de ocupação colonial imperialista sobre a região, se utilizando de seu cão sionista para o impor a sangue e fogo. Esse é o objetivo da imposição aos palestinos de um “consórcio” imperialista que irá administrar os futuros negócios dos monopólios e do capital financeiro na recons-

trução de Gaza e na exploração de seus recursos. Disso trata o expansionismo e controle militar israelense sobre o Sul do Líbano e da Síria.

Desde que de Bashar al-Assad fora derrocado por milícias financiadas e apoiadas pelo imperialismo, sionismo, Turquia, Arábia Saudita etc., Israel ocupou militarmente pontos estratégicos elevados visando controlar vastas regiões da Síria, Iraque, Jordânia, Líbano e Palestina ocupada, podendo inclusive monitorar a atividade aérea que se estende do Gibraltar à Síria por meio de radares e sistemas de vigilância. Esse controle militar tem um objetivo econômico bem claro: o controle sobre a geografia está cada vez mais interligado ao controle sobre os recursos – particularmente água (a Bacia do Yarmouk que abastece Síria, Jordânia e Palestina) e energia – duas commodities que definem a capacidade de sobrevivência e estabilidade dos regimes árabes. Um dos negócios bilionários de interesse do imperialismo e do sionismo depende de alterar o traçado do gasoduto “Qatar-Tur-

quia", que passaria pela Síria e Líbano a caminho da Europa, e que compete com o projetado "corredor" *EastMed* proposto por Israel. Eis porque o controle sobre territórios do Sul da Síria e Líbano por onde esse corredor energético sionista foi projetado, tornou-se estratégico para impor os negócios de transporte de energia que estariam sob controle de Israel, portanto, do imperialismo. O que colocaria ainda Israel não apenas o exército mais poderoso da região, mas como estado controlador do transporte de energia para Europa. A monopolização das decisões energéticas que poriam Europa de joelhos perante os EUA que por intermédio de Israel obrigaria seus governos a continuarem financiando e apoiando Israel, sobretudo, após renunciar ao petróleo russo mais barato sob pressão estadunidense. Além de que serviria para ampliar as imposições aos governos e monarquias árabes.

É nesse marco que avançam os "Acordos de Abrão", que são parte do plano mais geral imperialista-sionista para ter um controle e domínio político, militar, geográfico e territorial mais amplo e decisivo sobre Oriente Médio. A derrota de Hezbollah e Hamas, a queda de Assad e a imposição de um governo libanês pro-imperialista são passos interligados nesse objetivo estratégico mais geral, que para os sionistas os aproxima do objetivo da "Grande Israel". É com esse objetivo que Trump se ergueu em negociador para aproximar posições entre Israel e os países árabes e, principalmente, com a Turquia. O bombardeio israelense sobre território catari foi um fator de pressão deliberada (acordada entre EUA-Israel) para vergar ainda

mais as burguesias árabes. Netanyahu e o regime sionista aceitaram o "Plano de paz" porque sabiam que EUA lhes permitiria continuar sua expansão colonial, enquanto EUA aproveitava do acordo para ajudar Israel a romper seu isolamento e retomar as negociações com os governos árabes para *normalizar* as relações já muito atingidas.

O "plano de paz" de Trump significa a institucionalização do genocídio e objetiva a uma completa redefinição demográfica, econômica e política da Palestina ocupada e de toda a região em favor do imperialismo e do sionismo. A violação das soberanias da Síria e do Líbano são parte dessa estratégia de limpeza étnica e genocídio industrial programado para servir aos negócios capitalistas. Fica claro o conteúdo de classe e objetivos da traição de governos e organizações árabes e palestinas visando negociar com os sionistas uma saída que permita manter seus privilégios e fazer negócios com a colonização e holocausto, sinalizando a maior submissão da burguesia árabe. Trata-se do mesmo conteúdo de classe que acoberta a cumplicidade de frações da burguesia e dos governos brasileiros que lucram com as exportações e importações do Brasil para Israel. Governo que se compromete a apoiar o plano, e está servindo de instrumento para favorecer se cumpram os objetivos dos EUA e Israel. Denunciar o holocausto, mas continuar apoiando e favorecendo o governo que segue financiando é uma traição à causa da libertação dos palestinos e de todos os oprimidos.

Não há como frear esse projeto de normalização do holocausto e limpeza étnica sem que as massas árabes e mundiais travem uma guerra total contra os genocidas, seus vassalos e seus patrocinadores, sem limitações nacionais, sob um programa anti-imperialista e anticapitalista e se estender mundialmente.

Não há outro caminho que unificar a resistência e as lutas em defesa dos palestinos sob um programa de estrangulamento de Israel e de derrota do imperialismo. As massas exploradas e oprimidas em cada país devem cavar sua trincheira junto da luta dos palestinos e das massas árabes pela sua libertação e autodeterminação. Brasil deve ser uma peça chave nessa luta. Greves, ocupações, bloqueios e paralisações de portos e aeroportos, de fábricas que exportam e importam de Israel, trancar ruas e avenidas, enfim, aplicando os métodos da ação coletiva das massas se pode estrangular os interesses sionistas e imperialistas em nosso país, visando a derrota dos EUA e Israel.

É necessário que as bases passem por cima da paralisia e cumplicidade de suas direções, imponham essas a organização de uma grande manifestação unitária das massas em defesa dos palestinos, o que exige combater o governo burguês que continua facilitando as exportações e importações de petróleo e derivados, armamento, produtos químicos, tecnologia etc. com o estado genocida de Israel. O problema é que essa luta só pode ser apenas encarnada por uma direção classista e revolucionária, que lutando sob a estratégia de um estado Palestino, uno e socialista, erguendo a tática da frente única anti-imperialista e defendendo a estratégia da revolução social. ● —